

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Xavier de Carvalho
Apoteose Camoniana



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Xavier de Carvalho

Apoteose Camoniana

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1886.

José Xavier de Carvalho Júnior
(1861 – 1919)

“Projeto Livro Livre”

Livro 667



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor português Xavier de Carvalho: “*Apoteose Camoniana*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

APOTEOSE CAMONIANA



A RENASCENÇA

A Ramalho Ortigão

A Renascença que foi obra toda humana,
Chamando à vida nova a forte raça ariana,
Co'a pólvora, a imprensa, a bussola e a alquimia,
A Arte a renascer na lira dos poetas,
Copérnico que traça a órbita aos planetas
E Martinho Lutero afirmando a heresia;

Dante que tudo vê com seu olhar de lince,
A “Ceia do Senhor” de Leonardo Vinci
E Masacio que tem “madonas” ideais,
Colombo e Gutenberg e Magalhães e Gama,
Bacon que ensina a vida e Erasmo que proclama
O rubro alvorecer das ciências naturais;

Galileu que nos prova a rotação da terra
E contra quem a igreja ergueu terrível guerra,
Aristóteles que, intransigente e altivo
Foi quem traçou as leis novas da evolução,
Cravou golpe profundo, em cheio, à religião
E em bases afirmou o Credo Positivo;

Magalhães que demonstra a terra como esfera,
Gioto que nos pinta a tela mais sincera,
O feudalismo à morte, as comunas em luta,
A alma das nações erguendo-se fremente
E pouco a pouco, a claro, as lendas do Oriente,
Enquanto o santo ofício as consciências enluta;

Bruno que a igreja queima, afirmando a Verdade,
Miguel Ângelo que achou os tons da realidade
No “Juízo Final” a luz das gerações:
Todo esse renascer das Artes e Ciências

E o rebate febril de todas as consciências,
Resume-se afinal no livro de Camões.

NOS PAÇOS DA RIBEIRA

A Manoel Duarte de Almeida

E Camões recitava! Em frente dele
A Princesa Maria, em fundo pasmo
Escutava vibrante de entusiasmo
Versos cheios de amor, ciúme e fel.

A corte envolta recolhida e atenta
Ouvia esses sonetos delicados,
Onde a Paixão brilhava violenta E
a alma se partia em mil bocados.

E Camões recitava!
Dos seus versos,
Com paisagens e largos céus diversos,
Evolava-se o aroma da violeta...

E entre o grupo dos pagens e das damas
Sanguineamente como duas chamas,
Dominavam os olhos do poeta.

NATÉRCIA

A João de Deus

Era em seus olhos duma luz magoada
Que ele sentia palpitar a vida,
Natércia! a virgem branca e dolorida,
A alma da sua alma, a bem-amada!

Era em seus lábios de escarlata vivo,
Eflorescentes de carícia e lava,
Que o coração do poeta se abismava
Como num banho de perfume ativo.

Foi assim que ele a amou liricamente,
Ora em sonetos de paixão fremente
E éclogas cheias de saudade triste;

E assim lhe disse o derradeiro adeus,
Ao vê-la erguer-se aos luminosos: —
“Alma minha gentil que te partiste.”

O EPISÓDIO DE INÊS

A Ferreira de Brito

Há não sei que de místico e suave
Nesse vulto amantíssimo de Inês:
Manhãs de abril e sinfonias de ave,
O luar calmo e o verde céu inglês.

Delicada! em instantes de sossego
Decorria-lhe a vida em tons dolentes,
Entre arrulhos de amor! sonhos fulgentes!
“Nos saudosos campos do Mondego.”

Inês! ninguém melhor descreveria
Como Camões, em ondas de harmonia.
Esse poema de paixão querida,

Em que passaste a efluorescente vida,
“Aos montes ensinando e às ervinhas”
”O nome que no peito escrito tinhas...”

O ADAMASTOR

Ao Conde de Sabugosa

Á flor das ondas, tenebrosamente
Entre o rugir dos fortes vendavais
Olhando os oceanos frente a frente,
Como um monstro das lendas medievais;

O Adamastor erguia-se inclemente
Investivando em maldições fatais:
Gama que busca um novo continente
E ri das cousas sobrenaturais.

Entretanto quem era esse fantasma,
Que ao ver a frota Portuguesa pasma
E diz frases vibrantes de crueza?

Ele era o Antigo Espírito que absorto
Via o “maravilhoso” extinto e morto,
E o Homem dominando a Natureza.

ILHA DOS AMORES

A Fialho de Almeida

Há nesses versos ruivos e frementes
Todos feitos de sol e de impureza
A fulva cor nervosa das serpentes
E um vago sonho de gentil duquesa.

Em cada frase de uma sereia ou deusa
E em cada riso de tritões ardentes:
Descubro ondas de carne onipotentes
E escuto o grito audaz da Natureza.

Camões! há nos teus versos enseivados,
Beijos que ferem, seios inflamados
E a mulher toda nua, exposta ao sol.

E ao ler essas estrofes cor de lava,
Sinto a minh'alma alucinada e brava,
Entre um incêndio enorme de arrebol.

LONGE DA PÁTRIA

A Camilo Castelo Branco

Rasgando as ondas cruas, braço a braço
Com mil perigos e cruéis tormentos;
Ralado de desgosto e de cansaço

À chuva! à neve! aos vendavais! e aos ventos!

Em frente aos soes que estoiram violentos,
Arremessando ondas de luz ao espaço;
Horizontes em brasa! céus cinzentos!
— Nada receia aquele peito d'aço!

E do rio Me-Khong as fundas águas,
Ouvindo ao longe as soluçantes mágoas

Dum povo ilustre na história humana;

A manso e manso, afrouxam a corrente,
Para que ele pudesse epicamente
“Cantar a gente ilustre lusitana!”

O JAU

A Xavier Pinheiro

Enquanto o povo, em bando, escalavrado e roto,
Cantava pela rua os Salmos da Agonia
E a nação moribunda era um profundo esgoto,
E a História se tornou em trecho d’elegia,

A pátria cruelmente arruinada e exangue,
Sem família, sem lar, sem amigos, sem pão,
No horizonte somente a lama, o luto e o sangue,
Em toda a parte a raiva e a desesperação;

O luminoso poeta, a alma aventureira,
Que atravessou cantando uma existência inteira,
A lutar pelo bem e a destruir o mau:

Achou na hora final, em vez de coroa etérea,
Num leito de hospital a enxerga da miséria
E por único amigo um pobre negro: — o Jau.

OS LUSÍADAS

A Queiroz Veloso

Epopeia de luz! os seus versos vermelhos
Como agudos punhais, rubros ao sol da glória,
São as Taboas da Lei, os nossos Evangelhos
E o poema triunfal de toda a nossa história.

Por isso hão de passar as eras sobre as eras,
Os séculos sem fim num desfilar escuro
E esse livro será a luz das primaveras,
Que nos indicará as praias do futuro.

E num áureo fulgor de chispas diamantinas,

Centos d'anos depois ainda essa epopeia
Em nós acordará a mais vibrante ideia.

E se o povo cair exausto entre ruínas,
Ó Lusíadas! ó Bíblia aberta par em par,
Os nossos corações farás ressuscitar.

NO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES

A Teófilo Braga

Se aqui pudesse vir Camões, nestes instantes,
Da campa onde repousa há já trezentos anos,
Se aquela rude mão que fulminou tiranos
E sustentou cruéis batalhas de gigantes,
Pudesse ainda agitar em crispações vibrantes
O velho Portugal de heroicos puritanos;

E visse como o altivo estandarte das quinas
Tremula esfarrapado ao riso do estrangeiro,
As terras de além-mar vendidas a dinheiro,
A pátria toda em lama, em trevas, em ruínas,
As grandes tradições no fundo das sentinas
E o soluço final dum povo aventureiro;

Ele, o imortal poeta, e velho combatente,
Sonoro coração cheio de amor e glória,
Alma toda febril, vastíssima, marmórea;
O guerreiro fatal que, erguendo um bravo ardente,
Escreveu co'a espada o livro auri-fulgente
Onde em letras de luz fulgura a nossa história:

Nesse instante talvez, espectro desolado!
Chorando amargamente o seu velho país,
E não vendo da glória o fúlgido matiz
Engrinaldar enfim o nosso lar sagrado,
Deixava-se outra vez morrer abandonado
Batido de vergonha, extático, infeliz!

Mas contra toda essa atroz miséria hodierna,
Vibrai sonoramente! ó almas de leões,
E ergamos todos nós, em nossos corações,

Ao clarão triunfal da religião moderna,
Um sacrário febril de imensa luz eterna,
Em que o Futuro adore o vulto de Camões.

BIOGRAFIA

Com o nome completo de José Xavier de Carvalho Júnior, nasce em Lisboa, em 1861, onde realizou os estudos secundários.

Começa a colaborar na imprensa a partir dos quinze anos, publicando poesia. Em 1879, fundou na cidade do Porto o Centro Republicano Radical, que publicou um manifesto em 12 de Julho assinado por personalidades como Sousa Ribeiro, Guilherme Pereira, Brito e Cunha, Antônio Ribeiro, Miguel Maria da Felicidade, João de Castro e Francisco Vieira Correia e Cunha [Carvalho Homem, *Da Monarquia à República*, Palimage, Viseu, 2001, p. 62]. Responsável pela fundação do primeiro centro de extrema-esquerda na capital do Norte, desenvolveu sempre, através da escrita, uma ativa campanha de propaganda política.

Jornalista republicano, fundou no Porto, ainda muito jovem os jornais *O Norte Republicano*, *O Combate* e o *Estado do Norte*, eram três diários de combate e agitação política. Fundou ainda o semanário *A Mulher*.

Foi o autor do capítulo sobre “A Literatura Portuguesa após 1865”, integrado na obra *Le Portugal*, publicado pela Larousse em 1900. Publicou ainda *L’Ermitage*, publicado em 1895, no álbum organizado pela Sociedade de Estudos Portugueses de Paris. Esteve ligado às comemorações dos centenários de Vasco da Gama (1898) e de Garrett (1899) que se realizaram em Paris. Participou ainda na homenagem a João de Deus (1895) e a Eça.

Em 1885/1886, vai com Mariano Pina para Paris, aí colabora com *L’Illustration*, onde desempenha o cargo de secretário redator. Torna-se correspondente de *A Província* (Porto), *O Correio da Noite* e do *Diário Popular* (São Paulo). Cronista nos jornais *O Século* e *O Mundo* (“Cartas de Paris”), assinadas com o pseudônimo de Octávio Mendes.

Em Paris, contata Benoit Malon e A. Cipriani, com quem acompanha na fundação da *Fédération Universelles des Peuples*, de tendência socialista, tendo, como franco-maçom feito parte do comitê diretor da revista *Révolution Cosmopolite* (1886-1887).

Fundou em 1892 a *Société des Études Portugais*, de Paris,, de que foi secretário durante longos anos.

Colaborou literariamente nas revistas *Boêmia Nova*, (Coimbra, 1889, ao lado de Antônio Nobre, Alberto de Oliveira, entre outros), *A Geração Nova* (Porto, 1894-1895), *A Arte* (Porto, 1895-1899).

Foi uma espécie de representante do republicanismo português junto dos revolucionários da França, Itália, Alemanha, Bélgica e Suíça, países que percorreu bem como a Inglaterra e a Holanda. Em 1890, esteve em Madrid, pronunciando um discurso no Centro Republicano Progressista, que foi muito bem acolhido nos centros republicanos do país vizinho.

Em 1900, durante a Exposição Mundial de Paris, Xavier de Carvalho lançou uma revista de divulgação de Portugal, durante a iniciativa. Esta interessante revista quinzenal intitulava-se *Le Portugal á l'exposition*.

Em 1907, Xavier de Carvalho, dinamizou com alto patrocínio do rei a *Revue de la Société des Études Portugais*, de que se publicaram cerca de oito números.

Nos seus escritos destaca-se o carácter insólito das suas temáticas. Com a publicação do poema "As Anêmicas", em *A Província* (Setembro de 1886), Xavier de Carvalho fica marcado pela introdução do Decadentismo em Portugal. Em Março de 1889, com o soneto "Simbólica", dedicado a Mallarmé (publicado na *Ilustração*), denota a tentação sensual num sujeito ascético. Em Maio seguinte, no poema "A Torre Eiffel", denota a crença no progresso técnico pujante que se fazia sentir. Na revista coimbrã *Jornal para Todos*, publicou "As Impuras". Em Maio de 1890 publica um dos seus poemas mais conhecidos, porque ligado à introdução do movimento decadentista, "A Nevrose do Gás".

A sua obra poética começa por uma paródia ao livro de Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*, glosado com *A Velhice da Madre Eterna* (Rio de Janeiro, 1885), assinada com o pseudónimo coletivo de Marraschino & C^a. Mas fica na história literária como um dos poetas introdutores do Decadentismo em Portugal, no final do século XIX e um dos principais intermediários das culturas portuguesa e francesa dessa época.

Em Paris, é elogiado na revista *Le Decadente* (1887). De fato, a sua obra é irregular e compósita, cheia de afetações de linguagem e uma afrancesada nevrose do gás, valendo mais pela divulgação das novas tendências da poesia francesa em Portugal do que pela coerência interna e por uma verdadeira originalidade.

A partir de Outubro de 1910, consegue a colocação como adido de imprensa na embaixada portuguesa em Paris, conheceu quase todas as individualidades intelectuais, políticas e culturais que passavam pela Cidade-Luz. Porém, com a colocação de João Chagas como Ministro Plenipotenciário da República em Paris, Xavier de Carvalho perde a colocação, apesar de ter sido um dos que acolheu João Chagas quando este vive exilado em Paris após o 31 de Janeiro. [Pedro da Silveira, "O que soubemos em 1909 do Futurismo", *Revista da Biblioteca Nacional*, vol.1, nº1, Janeiro-Junho de 1981, Lisboa, 1981, p. 90-91]

Com o início da 1ª Guerra Mundial, Xavier de Carvalho reconquista novamente algum protagonismo ao envolver-se na propaganda beligerante, organizando festas em honra dos voluntários da Legião, assume-se como porta-voz dos republicanos em França. Publica novamente artigos e palestras e regressa a Portugal em Janeiro de 1917 para realizar conferências pelo País, como *Pela França Heróica, Portugal Amigo e Aliado*, publicada com prefácio de Magalhães Lima (Tip. Central, 1918).

Em 1915 perde o filho na Batalha do Marne.

O conflito europeu e a morte do filho, fá-lo regressar à poesia com *Cantos Épicos da Guerra* (1919). Nesta coletânea, o autor retoma a poesia de exaltação e combate, semelhante, de certa forma, às poesias de Guerra Junqueiro e Gomes Leal [*Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, vol. II, coord. Eugênio Lisboa, Instituto Português do Livro e da Leitura, Publicações Europa América, Mem Martins, 1990, p. 457-460].

Manteve correspondência com vários vultos da intelectualidade portuguesa, brasileira e europeia dos finais do século XIX e início do século XX, como Eça de Queirós, Ana de Castro Osório, Antônio Nobre Machado de Assis, entre muitos outros.

Publicou: *Apoteose Camoneana*, sonetos; *Poesia Humana*, Paris, 1908; *Le Portugal*, Paris, 1900; *Cantos Épicos da Guerra*, Paris-Bruxelas, 1919.

Pertenceu à Maçonaria, mas não foi possível apurar nem o nome simbólico, nem a loja onde foi iniciado.

Faleceu em Paris em 3 de Agosto de 1919 e o seu corpo foi sepultado no cemitério de Pantin.